

Arte e saúde: expressão do cuidar/cuidado humano em uma pintura da Renascença

Leidson da Silva Lima¹  Edson Dias Ferreira²  Margarida Maria Vasconcelos de Oliveira³ 

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana- Brasil

² Universidade Estadual de Feira de Santana- Brasil

³ Universidade Estadual de Feira de Santana- Brasil

*Autor de correspondência: lilimadejesus@yahoo.com.br

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE:

Arte
Cuidar/cuidado humano
Iconografia
Renascimento
Saúde

Este artigo apresenta informações de um estudo iconográfico – pautado no campo da abordagem qualitativa, orientado pela questão “quais as representações do cuidar/cuidado humano presentes em uma pintura da Renascença?” – cujo objetivo foi identificar a(s) representação(ões) do cuidar/cuidado humano expressa(s) por uma pintura renascentista. A arte desenvolvida no Renascimento teve um caráter científico devido aos conhecimentos da Matemática, Física, e outras áreas, inseridos nela. Os resultados do estudo da imagem produzida por material artístico – iconografia – permitiram, através da análise iconográfica, desvelar o cuidar/cuidado humano sob a forma de compaixão como sendo o verdadeiro significado da pintura O Bom Samaritano (1550-1570) de Jacopo Bassano. Outras variantes de cuidar/cuidado foram identificadas, confluindo para a representação do cuidar/cuidado manifestação da vida.

ABSTRACT

KEYWORDS:

Art
Health
Human care/caring
Iconography
Renaissance

This article presents information from an iconographic study – based on a qualitative approach, guided by the question “what are the representations of human care/caring present in a Renaissance painting?” – whose objective was to identify the representation(s) of human care expressed by a Renaissance painting. The art developed in the Renaissance had a scientific character due to the knowledge of Mathematics, Physics, and other areas, included in it. The results of the study of the image produced by artistic material – iconography – allowed, through iconographic analysis, to reveal human care in the form of compassion as being the true meaning of the painting The Good Samaritan (1550-1570) by Jacopo Bassano. Other variants of caring/caring were identified, converging on the representation of caring/caring as a manifestation of life.

RESUMEN

PALABRAS-CLAVE:

Arte
Cuidar/cuidado humano
Iconografía
Renacimiento
Salud

Este artículo presenta informaciones de un estudio iconográfico – pautado en el campo del abordaje cualitativo, orientado por la cuestión orientadora “¿cuáles son las representaciones del cuidar/cuidado humano presentes en una pintura del Renacimiento?” – cuyo objetivo fue identificar la(s) representación(ciones) del cuidar/cuidado humano expresa(s) por una pintura renascentista. El arte desarrollada en el Renacimiento tuvo un carácter científico debido a los conocimientos de Matemáticas, Física, y otras áreas, insertados en ella. Los resultados del estudio de imagen producida por material artístico – iconografía – permitirán, a través del análisis iconográfico, desvelar el cuidar/cuidado humano bajo la forma de compasión como siendo el verdadero significado de la pintura El Buen Samaritano (1550-1570) de Jacopo Bassano. Otras variantes de cuidar/cuidado fueran identificadas, confluendo para la representación del cuidar/cuidado manifestación de la vida.

SUBMETIDO: 02 de julho de 2024 | **ACEITO:** 09 de julho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2024

© ODEERE 2024. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

1. Linhas e traços (introdução)

Arte é a área do conhecimento que lida com a expressão de sentimentos e emoções, comunicando vários saberes e produções da humanidade ao longo do tempo, pelo registro em obras consideradas artísticas, através de diversas linguagens: desenho, pintura, teatro, dança, circo, música, literatura, fotografia, cinema, TV, arte digital etc.

Por sua vez, a palavra cuidar tem sua origem no latim *cogitare* e possui um caráter polissêmico, significando cogitar, meditar, pensar, aplicar a atenção, julgar-se, supor, considerar-se, ter-se por.

No contexto da saúde humana, o cuidar/cuidado não se refere apenas a algo executado para diminuir desconfortos, assistir a um doente ou permitir a cura de uma enfermidade, mas, em seu sentido amplo, trata-se da interação ou relacionamento consigo, com o próximo, com a vida. Ele se relaciona mais com a saúde do que com a cura e é o foco central de estudo e atuação profissional da Enfermagem. Como pensa Waldow (1999), o cuidar/cuidado é uma forma de expressão humana.

Os saberes gerados pela Sociologia da Saúde ajudam a evidenciar o quanto a atenção à saúde humana foi mecanizada ao longo do tempo, principalmente, nos séculos XVIII e XIX. Crianças, jovens, homens e mulheres eram vistos como máquinas que, ao ter algum defeito, deveriam ser consertadas por profissionais especializados. Diante deles, as pessoas, agora pacientes, mais pareciam objetos que necessitavam de ajuste para voltar a funcionar adequadamente.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre o cuidar/cuidado humano, norteadada pela questão “quais as representações do cuidar/cuidado humano presentes em uma pintura da Renascença?”, cujo objetivo foi identificar a(s) representação(ões) do cuidar/cuidado humano expressa(s) por uma pintura renascentista. Vale ressaltar que representar significa mostrar, exhibir, figurar, apresentar, ser a imagem ou a reprodução de alguma coisa.

Entendendo a iconografia como o estudo de representações figuradas, que inclui imagens, pinturas, esculturas, desenhos, fotografias e outras formas de expressão artística, a justificativa dessa pesquisa encontra-se no fato de que Ciências da Saúde, como a Enfermagem, identificam nela – na iconografia – uma

fonte de considerável valor histórico para a profissão, rica em transmitir sentimentos e ideias de representação coletiva, capaz de retratar aspectos do cotidiano, questões da saúde e da morte, dando significados à atividade cuidadora, conforme declara Hirata (2003).

Esta investigação foi desenvolvida no campo das artes, logo, podemos considerá-la uma pesquisa em arte, admitindo a sugestão de Zamboni (2006). Trata-se de uma análise iconográfica: um tipo de pesquisa em arte que possui semelhanças com a análise temática – uma modalidade de análise de conteúdo, que está inserida no campo da abordagem qualitativa, cujo objetivo é desvendar os núcleos de sentido que constituem uma comunicação ou atribuem significado ao objeto analisado (MINAYO, 2007); no contexto presente – o cuidar/cuidado humano.

E, como é próprio das pesquisas de análise iconográfica, este estudo se deu em três momentos distintos. No primeiro, **descrição pré-iconográfica**, fez-se um exame técnico da obra, identificando seus respectivos título, autor, gênero, período de realização e localização atual.

O segundo momento, **análise iconográfica**, reuniu a observação e identificação dos motivos da pintura – fruto da imaginação criativa do artista que a pintou –, os quais podem conter um significado secundário ou convencional ligado a histórias e alegorias, conforme Hirata (2003). É bom lembrar que nem sempre uma imagem revela claramente seu conteúdo, e isso permite ao expectador conceber ideias diferentes daquelas pensadas pelo autor da obra.

O terceiro e último passo, denominado **interpretação iconográfica** ou **análise iconográfica propriamente dita**, fundamentado como “o momento de desvelamento e captação do significado intrínseco e essencial da obra” (HIRATA, 2003, p. 2), permitiu a tradução do conteúdo da pintura selecionada, com a identificação das representações sobre o cuidar/cuidado humano que foram evidenciadas.

Em um mundo como o atual, onde os interesses tornaram-se mais técnicos do que humanos, com um desgaste visível das relações sociais, fomentado pelo capitalismo, abrangendo a área da saúde, que tem sido motivo de reclamações por parte da população devido a problemas na infra-estrutura dos serviços, ao descaso, indiferença e maus tratos no atendimento por parte de alguns

profissionais, é oportuno e necessário resgatar o cuidar/cuidado humano como forma de expressão do ser (WALDOW, 2007), o que confere relevância ao estudo apresentado neste artigo e oferece ajuda para re-pensar o que é o ser humano.

2. Pigmentos e matizes (referencial teórico)

O cuidar se manifesta primeiramente como uma forma de sobrevivência, fazendo-se perceber em todas as espécies de seres vivos.

Devido a sua capacidade de raciocínio, o ser humano aprimorou e sofisticou a sua maneira de cuidar ao longo do tempo, utilizando-a também para expressar carinho e outros sentimentos através de sua comunicação com os outros, muito embora, atitudes de violência, hostilidade e ódio apareçam em certos momentos, demonstrando o não cuidado (WALDOW, 1999).

As ações relacionadas à sobrevivência, ou à manutenção da vida, que cada indivíduo exerce em prol de si mesmo, caracterizam o que chamamos de **autocuidado**, evidenciado desde o princípio da vida humana, através da higiene, da nutrição e da busca por proteção. Este autocuidado inclui também “o conhecimento de si, de suas potencialidades, necessidades e limitações”. (WALDOW, 2004, p. 132).

Como o humano é um ser capaz de sentir e expressar suas emoções, associados à alimentação, proteção e higienização, encontramos toques, gestos, olhares, interesses, assistência, querer bem ao próximo. Waldow (1999, p. 25, grifo nosso) considera que:

o maior exemplo para o mundo é a vida de Jesus. Em sua curta trajetória, Jesus, filho de Deus e salvador do mundo, é um **perfeito ser de cuidado humano**, um restaurador (*healer*) de almas e de corpos. Parece claro, por meio de vários registros na história que, principalmente depois de Cristo, o cuidado humano torna-se mais visível. A compaixão, a misericórdia, a humildade, o amor são, entre outros, os elementos que lhe representam.

Lembremos que o ser humano possui uma capacidade incomum dentre todos os seres vivos: ele fala. “Por isso, o ser humano é, na essência, alguém de relações ilimitadas”, conforme aposta Boff (1999, p. 139). E a comunicação humana vai além da fala porque as pessoas possuem um rosto com olhar e

fisionomia, os quais provocam, evocam e convocam ao próximo, através de uma irradiação desigual em busca de uma resposta (BOFF, 1999).

Nasce assim a res-ponsa-bilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética que reside nesta relação de res-ponsa-bilidade diante do rosto do outro, particularmente do mais outro que é o oprimido (BOFF, 1999, p. 139).

Não convém esquecer que **cuidar do outro** é também agir para a manutenção da vida. E fique bem claro que isso não acontece apenas em casos de doença, porque, saúde não é ausência de enfermidade, mas um bem-estar biopsicológico e sócio-espiritual (por que não se boa parte das sociedades, quiçá todas, caracteriza sua cultura através de expressões de fé?). Dessa sorte, situações de violência – acidentes de trânsito, espancamentos, estupros, assaltos –, de crises políticas e econômicas, de poluição ambiental, entre outras, afetam direta ou indiretamente à saúde humana.

E o cuidar não para. Muito pelo contrário, ele é intensificado para reverter os quadros adversos à integridade do humano pois, conforme Boff (1999, p. 34) “o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado”. Assim, cuidar é um modo-de-ser essencial à vida humana pois está na natureza e constituição do ser humano, concretizando-o (BOFF, 1999).

Esse cuidar/cuidado humano atinge dimensões tais, que ele está presente até em situações de morte. Por mais que se procure silenciá-la, ela surge “como fato existencial inevitável, embora imprevisível” (PY; OLIVEIRA, 2004, p. 138). Levemos em consideração as culturas que acreditam haver no morrer o começo para uma nova vida. Encontram-se aqui fé, orações, cânticos, consolo aos que choram e sofrem a perda de um ente querido, preparo e atenção ao corpo a ser velado e sepultado, saudades, honra e a esperança de paz.

São manifestações do espírito humano, desejoso de vida, que cuida de si e dos outros, mesmo quando ela, aparentemente, não se manifesta. Porque “os cuidados do corpo não excluem os cuidados da alma, os cuidados da alma (*psyche*) não dispensam que se leve em consideração a dimensão ontológica e espiritual do homem” (LELOUP, 1997, p. 32). Logo, o cuidar/cuidado humano não

se limita às experiências terrenas. Ele transcende ao plano do espírito, e transporta o ser humano a níveis sobrenaturais.

Vale ressaltar que todo o conhecimento produzido pela humanidade, incluindo àqueles sobre o cuidar/cuidado, pode ser apresentado de maneiras diferentes entre si, como acontece quando colocamos em pauta Ciência e Arte. O autor Zamboni (2006) informa que não ocorre a suplantação de uma em detrimento da outra e vice-versa porque são formas complementares do conhecimento, ajustadas pelo funcionamento das regiões de um cérebro humano – que é único.

Porém, é notável que o pensamento racional está estreitamente ligado à ciência, enquanto, o intuitivo, à arte, devido às características que apresentam. Zamboni (2006) afirma também que a arte não contradiz a ciência e nos faz entender elementos que ela não consegue. Ele ainda aposta no discurso:

a educação dos sentidos e da percepção amplia o nosso conhecimento de mundo, o que reforça a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e, de certa forma, mais profundo das coisas (ZAMBONI, 2006, p. 23).

Essa percepção ampliada é necessária em diferentes situações, ora de forma evidente, ora camuflada nas entrelinhas da vida.

Convém lembrar que a arte também se liga com bastante força ao sentimento de prazer. Isto é, ela traduz/enseja algo aprazível, com a finalidade de unir representações, sensações e prazer. Há nesse hábitat liberdade de expressão, fazendo valer a individualidade, segundo Abbagnano (2007). Para Bosi (1991, p. 7, grifo do autor):

se perguntarmos hoje a um homem de cultura mediana o que ele entende por arte, é provável que na sua resposta apareçam imagens de grandes clássicos da Renascença, um Leonardo da Vinci, um Rafael, um Michelangelo: arte lembra-lhe *objetos consagrados pelo tempo, e que se destinam a provocar sentimentos vários e, entre estes, um, difícil de precisar: o sentimento do belo.*

Na cultura renascentista, encontramos uma arte de pesquisa e inovações que se desenvolveu com as descobertas da Matemática, Geometria, Física,

Filosofia e da Anatomia, conforme relata o historiador Sevcenko (1986). Podemos destacar as pessoas de Giotto, Dürer, Brunelleschi, Leonardo da Vinci, Michelangelo, El Greco, Botticelli, Jacopo Bassano, os quais compreenderam um grupo de humanistas que resolveu bradar e se libertar dos dogmas da Igreja de forma, no mínimo, corajosa. Contudo, não eram apóstatas da fé cristã.

Eles viveram em pleno epicentro de um vasto movimento cultural que influenciou a economia, religião, política, bem como o pensamento da sociedade ocidental – o **Renascimento**, também conhecido por **Renascença**, consolidado a partir da falência do sistema feudal europeu, iniciado na Península Itálica no século XIV (*Trecento*), estendendo-se por outros locais da Europa nos séculos XV (*Quattrocento*) e XVI (*Cinquecento*, fase de apogeu e Alto Renascimento).

Sua arte buscava representar o homem real com virtudes e defeitos, diferente daquele que fora pregado, durante os quase dez séculos que antecederam o Renascimento, pela Igreja Medieval – pecador que deveria buscar a santidade e a pureza abstendo-se dos chamados “prazeres mundanos”. Essa representação realista da figura humana exigia um domínio completo da anatomia do corpo, dos efeitos do movimento e da psicologia das expressões pelos artistas renascentistas (SEVCENKO, 1986).

E assim era a arte renascentista: expressiva, social, coletiva e inovadora a tal ponto, que cenas bíblicas, comumente, eram reproduzidas associadas a fatos do cotidiano. Houve um aprimoramento de técnicas jamais visto: consolidou-se o **efeito de perspectiva**, para demonstrar em planos bidimensionais, como uma folha de papel, uma imagem tridimensional, dotada de altura, largura e profundidade, sem esquecer o advento da **tinta a óleo**. Isso transformou a pintura renascentista numa arte ímpar, que buscava a representação do real, com sucessão de planos, luz e sombras, e ideia de movimentação das imagens.

Desde a “pré-história”, existia algo que se denomina enfermagem propriamente dita, ou seja, a prática social não remunerada cujo sentido estava em cuidar de doentes – enfermos – da família ou de um grupo de amigos e/ou conhecidos (OGUISSO, 2007). É bom lembrar que a Enfermagem conhecida hoje só foi institucionalizada a partir da segunda metade do século XIX; outras ciências, tal qual a Fisioterapia e a Psicologia, apenas no século XX. Assim, algumas Ciências da Saúde são bastante jovens quando comparadas a outras ciências – como a

Biologia, a Física, a Matemática e a Química –, muito embora certas práticas inerentes a elas ocorram desde épocas longínquas, infelizmente, sem a valorização que lhe é devida.

É bom reforçar que o Renascimento, além de artístico, foi um movimento intelectual, científico, político e econômico também. Ocorreu um declínio do poderio da Igreja Católica Apostólica Romana, acompanhado da ascensão de uma nova classe social – **a burguesia** –, pelo crescimento do comércio, invenção da Imprensa por Gutenberg (1400-1468), grandes navegações, “descoberta” do território americano, intensa urbanização das cidades, desenvolvimento do **mercantilismo** e posterior formação dos **Estados nacionais europeus**.

Tudo isso promoveu transformações no modo de viver das pessoas. Haja vista o aparecimento da Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero, na Alemanha, a fundação da Igreja Anglicana por Henrique VIII, na Inglaterra, e o calvinismo, na Suíça, que dividiram o mundo cristão em católicos apostólicos romanos e protestantes.

Foi muito comum o uso de imagens para comunicação de passagens bíblicas uma vez que o número de analfabetos no continente europeu era bastante expressivo. Na contemporaneidade, entende-se que a iconografia pode ser admitida como o estudo de imagens produzidas pelo desenho, pela pintura, pela escultura, pela fotografia e outras linguagens artísticas. Seu uso não é recente, principalmente, em pesquisas antropológicas, conforme relata Porto Alegre (2006). Esta autora observa que:

o estudo da imagem é fundamental para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e espaço (PORTO ALEGRE, 2006, p. 76).

A pesquisadora Hirata (2003) destaca a importância da iconografia, pois a imagem constitui-se num símbolo, uma figura, uma representação cheia de mensagens que guardam em si ricas informações do imaginário social aptas para ser desvendadas. Além disso, “imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do

aparecimento do registro da palavra pela escritura” (SANTAELLA; NÖTH, 2005, p. 13).

Também é importante entender que o desenho é a base de toda e qualquer representação gráfica, seja esta de que natureza for (HALLAWELL, 1994) e, “uma mesma imagem pode levar a interpretações diferenciadas e mesmo divergentes ou contraditórias” (PORTO ALEGRE, 2006, p. 77), porque sua leitura tem a ver com a subjetividade de quem a analisa e com a clareza ou obscuridade com a qual ela apresenta/expõe seu conteúdo.

De acordo com a pesquisadora Cristóvão (2015, p. 17):

Vivemos numa sociedade submersa pela imagem, em que a crescente importância dos *media* requer um domínio da literacia visual e dos correspondentes métodos de ensino e de aprendizagem. A função própria do desenho consiste na aprendizagem de um conhecimento visual consistente, no sentido em que nos conduz ao domínio dos instrumentos da representação gráfica, ajudando na criação de uma consciência crítica quando nos encontramos em presença de diferentes imposições da sociedade de consumo. Em resumo, o desenho ajuda a desenvolver a percepção visual e veicula os valores próprios da criatividade e da motivação. O desenho é também estimulante do sentido crítico e da capacidade de análise, valorizando tarefas em benefício de um prazer pessoal.

Nesse sentido, Alves e Santos (2017, p. 18) afirmam que “o poder da comunicação e a expressão gráfica pertinente ao Desenho e a Geometria são aspectos que urgentemente devem ser incorporados a todas as instâncias da educação”, porque cooperam substancialmente para o desenvolvimento das pessoas.

Compreende-se, então, que a Arte e suas linguagens, sem dúvidas, corroboram na ampliação da visão de mundo dos indivíduos, a respeito daquilo que os cerca, do que são para si e para os outros, auxiliando-os a perceber melhor o micro, o médio e o macro das sociedades e de sua própria vida, talvez, até o âmago do ser.

3. Exposição de arte (resultados e discussão)

A obra analisada, *O Bom Samaritano* (Figura 1) – óleo sobre tela, com 101,5 cm x 97,4 cm – pintada no Alto Renascimento (*Cinquecento*), entre os anos de 1550

e 1570, por Jacopo da Ponte (1510?-1592), mais conhecido como Jacopo Bassano, “Il Bassano”, ou, apenas, Bassano – nome da cidade onde nasceu – encontra-se, atualmente, sob a responsabilidade da Galeria Nacional de Londres (National Gallery of London), que possui os direitos de propriedade, na Inglaterra.

Bassano retratou uma cena que evoca a parábola bíblica do bom samaritano encontrada no décimo capítulo, entre os versículos 25 e 37, do Evangelho de Lucas. No primeiro plano da pintura, encontra-se a figura do samaritano vestido com uma túnica de coloração vermelha vibrante, que possui uma bolsa e um punhal embainhado presos na cintura, socorrendo o judeu: desnudo, bastante empalidecido, aparentemente desacordado, com ferimentos na cabeça – envolta por uma faixa branca –, onde se verifica a presença de sangue escorrendo pela face e pelo pescoço, a região genital coberta por um leve lençol branco, e um ferimento na perna direita coberto por uma faixa de tecido branco.

Há também a participação de dois cachorros, no canto inferior esquerdo **da imagem**, lambendo uma mistura de vinho – utilizado para lavar as feridas – e sangue, um vaso central rico em detalhes que parece ser de metal pela cor e brilho que reflete, e uma espécie de cantil atrás dele, próximo à rocha onde está o judeu, os quais representam os recipientes de vinho e óleo usados no tratamento das feridas, conforme o relato bíblico. É provável que a iluminação desse plano seja de cima para baixo, de forma diagonal, do lado esquerdo **da pintura** para o direito, devido à maneira como estão dispostas a claridade e as sombras dos corpos e objetos.

Um pouco recuado, observa-se um animal equídeo selado, voltado para o fundo da tela, próximo de uma árvore e arbustos cujas folhas são pardacentas, em frente a um rochedo – todos mergulhados em sombras, num ambiente de cor marrom. Vê-se também à meia distância a figura de dois homens – o sacerdote e o levita, respectivamente – que seguem indiferentes à cena exposta em primeiro plano, numa atitude de não-cuidado, o caminho em direção à cidade italiana de Bassano – situada no fundo da pintura, circundada por planícies verdejantes que exibem a beleza de sua vegetação rasteira e, mais ao longe, das árvores que diminuem ao se aproximar das montanhas.

Forma-se, então, o último plano, com uma paisagem campestre onde está representada a cidade de Bassano, seguida pelas montanhas de cores frias e pálidas, que parecem as mesmas utilizadas para pintar o céu – escurecido, em tons variados de azul, cinza e branco, cujas nuvens, associadas ao colorido, lembram a formação de uma tempestade. O efeito de perspectiva é acentuado pela fusão das montanhas e do céu que empalidecem juntos e assumem a cor branca, denotando a distância do horizonte. O mesmo, antes de atingir o infinito, revela a iluminação do sol, talvez poente, num feixe de luz amarelada extremamente sutil.

Era característica de Bassano pintar temas pastorais ou cenas da vida rústica associadas a fatos bíblicos com tons escuros e brancos luminosos, como é observado em *O Bom Samaritano*. Ao representar a parábola bíblica mencionada, a pintura revela, como significado intrínseco e verdadeiro da obra, o cuidar/cuidado humano sob a forma da compaixão.

Compadecer-se de alguém que precisa de auxílio e prestar-lhe socorro configuram o **cuidado-ajuda**, o **cuidado-assistência** que está intimamente ligado às profissões da saúde, como a Enfermagem e a Medicina, porque o **cuidado-auxílio** engloba o socorrer e, também, o prevenir. Encontra-se aí uma forte relação estabelecida entre a saúde e o cuidado humano que envolve responsabilidade e ética diante do outro que sofre e comunica sua dor mesmo na ausência de palavras, através de sua fisionomia, evocando uma resposta. Esta não pode ser dada de qualquer forma. Requer conhecimento e reflexão, ainda que rápida, para não agravar o quadro causando prejuízos nem representar uma atitude de não-cuidado.

O samaritano da pintura, justamente, socorre o judeu numa situação de emergência. De acordo com o texto bíblico, o judeu foi assaltado e deixado **semimorto**, na descida de Jerusalém para Jericó. O sacerdote e, depois, o levita vendo-o, passaram de largo. O samaritano – inimigo étnico do judeu, apesar de ambos serem israelitas (descendentes do patriarca hebreu Jacó, também chamado de Israel) – o vê, aproxima-se e usa de misericórdia, pensa-lhes os ferimentos com óleo e vinho, leva-o em seu próprio animal para uma hospedaria, **trata** dele e **paga** dois denários – moeda romana antiga feita de prata – ao hospedeiro, dizendo-lhe que **cuidasse** do judeu, e, caso gastasse a mais, seria

indenizado por ele – o samaritano – ao retornar. Este pagamento dá ao contexto uma alusão ao **cuidado**, para não dizer socorro, **profissional**.

A dramaticidade inerente à pintura, expressada pela ideia de movimentação dos personagens e pelas nuances do lençol que cobre a genitália do judeu, associada ao jogo de luz e sombras, revela uma arte da Anatomia, portanto, científica, por meio da bela representação dos músculos e regiões do corpo destes personagens, em especial, o judeu. O samaritano traduz o ser humano pregado por Boff (1999), cujo **cuidar** é um **modo-de-ser** essencial à vida de sua natureza, concretizando-o. Todo seu comportamento emana cuidado.

Esse espectro de cuidar/cuidado toma conta do ambiente. Os cachorros, lambendo algo no chão, projetam o **cuidado com o meio**, o **espaço onde se vive**. O exercício milenar da limpeza do ambiente, mesmo sendo instintivo, pelos animais ora figurados, corresponde também ao **cuidar/cuidado manifestação da vida**, onde os seres vivos – naturais, ou ainda, natureza – cuidam da própria Natureza.

Essa forma de cuidar é verificada inundando toda a imagem quando se identifica o **cuidar/cuidado em prol da manutenção da vida**: o samaritano socorre um semelhante de sua mesma espécie *Homo sapiens* (cuidar para manter a espécie viva), ele age cuidadosamente – cuidado modo-de-ser e autocuidado –, os cachorros cuidam do ambiente limpando-o – cuidado com o meio e, indiretamente, às outras espécies, logo, com o planeta, com toda a vida.

Figura 1 – O Bom Samaritano



Copyright © 2000 National Gallery, London. All rights reserved.

Fonte: http://mdsac.blogspot.com/2007_07_01_archive.html

4. Conclusão

A análise iconográfica da pintura *O Bom Samaritano* de Jacopo Bassano permitiu a identificação de representações do cuidar/cuidado humano: sob a forma de compaixão na ajuda/assistência/auxílio, autocuidado, cuidar modo-de-ser humano, manifestação da vida (incluindo o cuidado com o meio ambiente), em prol da manutenção da vida.

A pintura revela em sua totalidade a vida cuidando da vida para continuar a viver. É extremamente necessário que o *Homo sapiens* re-torne a perceber essas nuances do processo de viver e assuma um papel de fato humano.

Nessa direção, a Arte pode ser uma grande aliada para evidenciar as manifestações benéficas de vida, através do registro em obras artísticas, e ajudar a humanidade a re-descobrir sua essência.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

ALVES, Maria da Conceição Amaral; SANTOS, Robérico Celso Gomes dos. **Desenho: comunicação e expressão gráfica**. In: SANTOS, Robérico Celso Gomes dos; SILVA, Marcelo João Alves da. (Orgs.). *Desenho: abordagens, concepções e teorias*. Feira de Santana: Ed. Desenho Forma e Simbolismo, 2017. p. 1-19.

BASSANO, Jacopo. **O Bom Samaritano**. 1 pintura. http://mdsac.blogspot.com/2007_07_01_archive.html. Acesso em: 03 maio 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 199 p.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 80 p.

CRISTÓVÃO, Manuela. **O outro lado da representação**. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. (Org.). *Desenho & visualidades*. Coleção Desenho, Cultura e Interatividade. v. 2. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2015, p. 15-28.

HALLAWELL, Philip. **À mão livre: a linguagem do desenho**. 14. ed. 1. v. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994. 91 p.

HIRATA, Marisa Correia. **Iconografia e enfermagem – por que e como?** *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 2, n. 2, p. 16-20, 2003. <http://www.uff.br/nepae/objn202hirata.htm>. Acesso em: 03 mar. 2008.

LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do ser: Fílon e os terapeutas de Alexandria**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 150 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

OGUISSO, Taka. **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira.

(Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 75-112.

PY, Lúcia; OLIVEIRA, Ana Cláudia. **Humanizando o adeus à vida**. In: PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana (Orgs.). *Humanização e cuidados paliativos*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 135-147.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras Ltda., 2005. 222 p.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1986. 82 p.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado humano: o resgate necessário**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzato, 1999.

WALDOW, Vera Regina. **O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 130-158.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidar: expressão humanizadora da enfermagem**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZAMBONI, Sílvia. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.